

ANO XXVI N. 323  
NOV 2003

# INFORMAÇÃO

REVISTA ESPÍRITA MENSAL



### ASSUNTOS

- **COMUNICAÇÃO** 03  
ENTIDADES DE AFRICANOS
- **SERVIÇO** 06  
A VERDADE E O TEMPO
- **CIÊNCIA** 08  
HOMOSSEXUALISMO, TRANSEXULISMO E ASSEMELHADOS
- **PANDRAMA** 13  
A INFLUÊNCIA DOS ESPÍRITOS
- **JUVENTUDE** 15  
O JOVEM E SEUS PROBLEMAS
- **EDUCAÇÃO** 17  
PORQUE OS ADULTOS SE ESQUECEM QUE JÁ FORAM CRIANÇAS

### OUTROS...

- Conversa Breve
- Kardec Afirma
- A Vida Continua
- Chico e Emmanuel
- As Lições de Chico Xavier
- Mensagens

"INFORMAÇÃO" é registrada na D.C.D.P. Do D.P.F. sob n.1702 (Portaria 209/73) - publicada pelo Grupo Espírita "Casa do Caminho" - Jornalista responsável Simões Zasscopé (Reg. 10.162) - Redação: Rua Souza Caldas, 357 - Fone: (11) 291-2455 Correspondência para caixa postal 45.307 - Ag. VI. Mariana/São Paulo (SP), "INFORMAÇÃO" não se responsabiliza pelos conceitos e opiniões emitidos pelos seus entrevistados ou articulistas - EDIÇÃO, FOTOLITO E IMPRESSÃO: Van Moorsel, Andrade & Cia. Ltda. - Rua Souza Caldas, 357 - São Paulo - SP

## Mensagem da capa

O homem ainda não quis compreender que a maior oportunidade não poderia sair da indigência de nossas mãos. Só a sabedoria e a magnanimidade de Deus podem conceder às nossas almas esse ensejo divino.



## O INTERCÂMBIO MENTAL DURANTE O SONO

No que se refere às relações mentais do indivíduo com outras mentes, encarnadas ou desencarnadas, em que se dá o intercâmbio através das ondas mentais, além do intercâmbio mental durante o estado de vigília, ocorre também o intercâmbio mental durante a fase do sono.

O intercâmbio mental durante o sono é tratado por André Luiz no capítulo XXI do livro "Mecanismos da Mediunidade", sob o título "Desdobramento". Desdobramento, na terminologia espírita, é o estado de relativa emancipação da alma em relação ao corpo, e que se manifesta normalmente durante os estados de sono natural, de sonambulismo e de outros fenômenos similares, como, por exemplo, o de transe mediúcnico. Dizemos que é o estado de relativa emancipação da alma, porque a emancipação absoluta só se dá com a morte do corpo.

De acordo com as explicações dadas por André Luiz, no homem de evolução inferior o sono é quase que um mero processo de refazimento físico, visto como a onda mental do homem nesse estágio evolutivo ainda está em fase inicial de expansão, sendo o sonho apenas a ação reflexa do seu próprio mundo consciencial ou afetivo.

Já o homem de evolução mediana, que tenha obtido algum amadurecimento espiritual através da repercussão (reflexão), exterioriza de si mesmo durante o sono os quadros mentais pertinentes às atividades em que se concentra, com os quais consegue angariar a atenção dos desencarnados que com ele se afinam, recolhendo sugestões para o

trabalho em que se empenha. Dessa forma, mantém-se a meio termo entre as idéias que recebe e as idéias que lhe são próprias, do que resulta o aspecto caótico das reminiscências que consegue guardar, ao retornar ao estado de vigília.

Assim, milhões de pessoas, representando a faixa de evolução mediana da humanidade, submetem-se ao desdobramento através do sono natural de refazimento, para entrarem em sintonia com as entidades que lhes são afins, tanto na ação orientada para o bem, quanto na ação orientada para o mal.

Aqueles que se dedicam à arte, por exemplo, durante o sono atraem recursos que vão se manifestar sob a forma de inspiração para a obra que executam. Do contato com entidades superiores, as criaturas enobrecidas assimilam os motivos nobres e brilhantes que vão enriquecer suas criações, ao passo que do contato com entidades inferiores, as criaturas sarcásticas ou criminosas assimilam os temas infelizes que vão despertar o sarcasmo e a irresponsabilidade naqueles que por eles se deixam influenciar.

Ao se desdobrar no sono comum, portanto, a criatura costuma seguir na direção daquilo que, de maneira intensa, se tornou alvo de sua atenção, quando então busca automaticamente, fora do corpo físico, os objetivos que se coadunam com os seus interesses.

Adormecendo o corpo, a onda mental da pessoa continua vigilante, presidindo ao sono ativo, quando registra no cérebro adormecido as impressões do espírito desligado das



células físicas, ou presidindo ao sono passivo, quando então a mente se desinteressa completamente da esfera carnal.

Em tais condições, a criatura sintoniza-se com as ondas mentais dos encarnados ou desencarnados, com os quais se harmonize, trazendo para o estado de vigília, sob a forma de intuição, apenas o resultado do intercâmbio levado a efeito, visto como raramente é que consegue lembrar as atividades empreendidas durante o sono.

André Luiz explica ainda que é durante a fase de sono que muitos apelos do plano físico são atendidos, integral ou parcialmente, pelo plano espiritual. Quando um determinado apelo é feito a uma entidade espiritual, a resposta costuma surgir enquanto o solicitante está desligado do corpo físico, durante o sono de refazimento. Quando o cérebro físico não tem condições de fixar o encontro realizado ou a informação recebida, os remanescentes do intercâmbio com o pia. no espiritual se apresentam sob a forma de quadros simbólicos ou de reminiscências fragmentárias, ou ainda sob a forma de súbita intuição, expressando, de uma maneira ou de outra, o socorro integral ou parcial que a criatura se mostre capaz de receber. No que tange ao fenômeno do sonho, convém saber o que diz Emmanuel a respeito desse fenômeno. Na questão 49 do livro "O Consolador", Emmanuel dá a seguinte explicação sobre o sonho:

Na maioria das vezes, o sonho constitui atividade reflexa das situações psicológicas do homem no mecanismo das lutas de cada dia, quando as forças orgânicas dormitam em repouso indispensável.

Em determinadas circunstâncias,

contudo, como nos fenômenos premonitórios, ou nos de sonambulismo, em que a alma encarnada alcança elevada porcentagem de desprendimento parcial, o sonho representa a liberdade relativa do espírito prisioneiro da Terra, quando, então, se poderá verificar a comunicação 'inter vivos', e, quanto possível, as visões proféticas, fatos esses sempre organizados pelos mentores espirituais de elevada hierarquia, obedecendo a fins superiores, e quando o encarnado em temporária liberdade pode receber a palavra e a influência diretas de seus amigos e orientadores do plano invisível.

Como podemos observar, Jung faz referência a dois tipos de sonho telepático: um que envolve uma ligação afetiva, da pessoa que sonha, com o objeto do sonho, ou em que há um forte interesse voltado para o aspecto humano do acontecimento; e outro que independe inteiramente desses fatores, embora este segundo tipo seja menos freqüente, mas mesmo assim se verifica, ao contrário da idéia de que o fenômeno telepático só pode ocorrer se houver uma ligação afetiva que o justifique, daí a estranheza demonstrada no comentário de Jung sobre esse tipo de sonho. Ora, é evidente que a ligação afetiva facilita a ação telepática, mas não é condição necessária de maneira absoluta para que o fenômeno se verifique, como atestam os fatos.

Ao reconhecer a existência desses fenômenos, que, embora sejam desconcertantes, não podem mais ser negados, Jung a eles se refere dizendo: Naturalmente, nunca professarei que as leis que os regem sejam alguma coisa de



"sobrenatural".

Dada a falta de interesse por parte da psicologia oficial em se ocupar com esse assunto, é que surgiu a ciência hoje denominada de parapsicologia, a qual tem por objetivo o estudo de todos os fenômenos que apresentam aspectos de natureza extra-sensorial. No nosso entender, acreditamos que o acervo de conhecimentos acumulados pela parapsicologia tenderá no futuro a ser absorvido pela psicologia oficial.

Segundo a Doutrina Espírita, esses como todos os demais fenômenos relacionados com a emancipação da alma são regidos por leis naturais, sem perder de vista que "todas as leis da natureza são leis divinas, pois Deus é o autor de todas as coisas", como dizem os espíritos na questão 617 de "O Livro dos Espíritos".

O intercâmbio mental durante o sono é tratado em "O Livro dos Espíritos" no capítulo VIII, 2ª parte, sob o título "Emancipação da Alma", compreendendo as questões 400 e 455. Na questão 402 explicando que o sono liberta parcialmente a alma do corpo, os espíritos dizem o seguinte a respeito do sonho, em resposta a Kardec:

Sabe que, quando o corpo repousa, o espírito dispõe de mais faculdades que no estado de vigília. Tem a lembrança do passado e às vezes a previsão do futuro; adquire mais poder e pode entrar em comunicação com os outros espíritos, seja deste mundo, seja de outro. Frequentemente dizes: "Tive um sonho bizarro, um sonho horrível, mas que não tem nenhuma verossimilhança". Enganas-te. É quase sempre uma lembrança de lugares e de coisas que viste ou que verás numa outra existência ou em outra ocasião. O corpo está

adormecido, o espírito trata de quebrar as suas cadeias para investigar no passado ou no futuro. de manifestação do espírito em sua existência no plano físico.

Na questão 420, em sua explicação de que, apesar de apresentar mais dificuldade, o intercâmbio mental no estado de vigília só é possível porque o espírito "irradia em todo o seu redor", observamos que os espíritos utilizam um recurso de linguagem compatível com os conhecimentos vigentes em meados do século passado, a fim de se fazerem entender, sem prejuízo, no entanto, da idéia de irradiação, que expressa o fenômeno da transmissão de energia através das ondas mentais, fenômeno hoje descrito de acordo com os conhecimentos atuais.

Os espíritos deixam claro também que o intercâmbio mental durante o sono é o que se processa com mais facilidade e, portanto, é o que resulta ser mais eficaz, embora a pessoa não consiga se lembrar do intercâmbio mental em si, após a volta ao estado de vigília, mas apenas do resultado do intercâmbio, que é a idéia. Assim, na questão 419, a frase "quando o corpo desperta, o espírito se recorda do que aprendeu e o homem julga ter inventado" não significa que a pessoa se recorda do intercâmbio mental em si, mas sim o resultado do que aprendeu, como se pode depreender da frase "e o homem julga ter inventado".

Aliás, na questão 415, relacionada com o intercâmbio mental entre pessoas encarnadas que se visitam durante o sono, Kardec pergunta qual pode ser a utilidade dessas visitas, se as pessoas delas não se recordam no estado de vigília, e os espíritos respondem o seguinte:



Ordinariamente, ao despertar, resta uma intuição que é quase sempre a origem de certas idéias que surgem espontaneamente, sem que se possa explicá-las, e não são mais que as idéias hauridas naqueles colóquios.

A atividade do espírito durante o sono e o motivo pelo qual ele não se lembra do intercâmbio mental levado a efeito são explicados na questão 403, pelos espíritos, da seguinte forma:

Nisso que chamamos sono só tens o repouso do corpo, porque o espírito está sempre em movimento. No sono, ele recobra um pouco de sua liberdade e se comunica com os que lhe são caros, seja neste ou em outros mundos. Mas como o corpo é de matéria pesada e grosseira, dificilmente conserva as impressões recebidas pelo espírito, mesmo porque o espírito não as percebeu pelos órgãos do corpo.

Existe outro fenômeno relacionado com o sonho, que é o sonambulismo, o qual se torna impossível para o estudo dos fenômenos de emancipação da alma, visto como os seus efeitos podem ser verificados e comprovados objetivamente, motivo pelo

qual o sonambulismo é tratado em 'O Livro dos Espíritos' no mesmo capítulo que trata do sono e dos sonhos.

Na questão 425, Kardec pergunta se o sonambulismo natural tem relação com o sonho, e os espíritos dizem: "É um estado de independência da alma, mais completo que no sonho, e então as faculdades adquirem maior desenvolvimento. A alma tem percepções que não atinge no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito."

A relação entre sonambulismo e sonho decorre do fato de que ambos representam atividade mental durante

a fase de sono, sendo que no sonambulismo essa atividade se expressa na ação que exige o uso do corpo, como andar e realizar outros atos de que a pessoa não se lembra após despertar.

De acordo com Kardec, o sonambulismo provocado, isto é, aquele que não ocorre naturalmente, é denominado de sonambulismo magnético, que hoje chamamos de sonambulismo hipnótico, em função do enfoque dado ao fenômeno pelos atuais hipnotizadores, que tomam por base a sugestão para explicá-lo, enquanto que os antigos magnetizadores tomavam por base o fluido magnético (energia). Acontece que tanto a sugestão quanto a ação magnética da energia mental estão na base dos fenômenos hoje chamados hipnóticos, pelo que se torna indiferente chamarmos de hipnotizador ou de magnetizador aquele que opera

com esses fenômenos, visto como ambas as denominações significam a mesma coisa, a não ser pelo fato de que a primeira esteja mais em uso.

Kardec apresenta, na questão 455, um resumo teórico sobre alguns fenômenos relacionados com a emancipação da alma, dentre os quais se destaca o sonambulismo, que ele considera como "uma luz projetada sobre a Psicologia". Por este motivo, e dada a importância desse fenômeno, vejamos a seguir o que diz Kardec sobre o sonambulismo, no referido resumo:

O sonambulismo natural é um fato notório, que ninguém pensa pôr em dúvida, apesar do aspecto maravilhoso dos seus fenômenos. Que haveria, pois, de mais extraordinário ou de mais irracional no sonambulismo magnético, por ser



ele produzido artificialmente, como tantas outras coisas? Dizem que os charlatães o têm ex piorado; mais uma razão para que não seja deixado nas suas mãos. Quando a Ciência se tiver apropriado dele o charlatanismo terá muito menos crédito entre as massas. Mas enquanto se espera, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e contra fatos não há argumentos, ele se firma, apesar da má vontade de alguns, e isso no próprio seio da Ciência, onde penetra por uma infinidade de portas laterais, em vez de passar pela central. E, quando lá estiver pie-

namente firmado, será necessário lhe conceder o direito de cidadania. Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno fisiológico, é uma luz projetada sobre a Psicologia. É nele que se pode estudar a alma, porque é nele que ela se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos pelos quais ela se caracteriza é o da clarividência independente dos órgãos comuns da visão. Os que contestam o fato se fundam em que o sonâmbulo não vê sempre, e à vontade dos experimentadores, como através dos olhos. Seria de admirar que os meios sendo diferentes, os efeitos não sejam os mesmos? Seria racional buscar efeitos semelhantes, quando não existe o instrumento? A alma tem as suas propriedades, como os olhos têm as deles; é preciso julgá-los em si mesmos, e não por analogia.

A causa da clarividência, do sonambulismo magnético e do sonambulismo natural é a mesma: um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós, e que não tem limites além dos que são assinalados à própria alma. O

sonâmbulo vê em toda parte a que sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a distância. No caso da visão à distância o sonâmbulo não vê as coisas do lugar em que se encontra o seu corpo, à semelhança de um efeito telescópico. Ele as vê presentes, como se estivessem no lugar em que elas existem, porque a sua alma lá se encontra realmente; eis porque o seu corpo fica como aniquilado e privado de sensações, até o momento em que a alma se repossar dele. Essa separação parcial da alma e do corpo é um estado anormal, que pode ter uma duração mais ou menos longa, mas não indefinida. Essa a causa da fadiga que o corpo experimenta, após um certo tempo, sobretudo quando a alma se entrega a um trabalho ativo. A vista da alma ou do espírito não sendo circunscrita e não tendo sede determinada, isso explica porque os sonâmbulos não podem assinalar para ela um órgão especial; eles vêem porque vêem, sem saber porque nem como, pois a vista não tem, para eles, como espírito, lugar próprio. Se eles se reportam ao corpo, esse lugar parece estar nos centros em que a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, ou na região epi gástrica, ou no órgão que, para eles é o ponto de ligação mais intenso entre o espírito e o corpo.

O poder de lucidez sonambúlica não é indefinido. O espírito, mesmo quando completamente livre, é limitado em suas faculdades e em seus conhecimentos, segundo o grau de perfeição que tenha atingido; e é mais ainda quando ligado à matéria, da qual sofre a influência. Essa a causa por que a clarividência sonambúlica não é umversa1 nem infalível. E tanto menos se pode contar com a sua



infctlibidade, quanto mais a desviem do fim proposto pela natureza e a transformem em objeto de curiosidade e de experimentação.

No estado de desprendimento em que se encontra o espírito do sonâmbulo, entra ele em comunicação mais fácil com os outros espíritos encarnados ou não. Essa comunicação se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perLspintos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio à electricidade. O sonâmbulo não tem, pois, necessidade de que o pensamento seja articulado através da palavra: ele o sente e adivinha; é isso que o torna eminentemente impressionável e acessível às influências da atmosfera moral em que se encontra. É também por isso que uma influência numerosa de espectadores, e sobretudo de curiosos mais ou menos malévolos, prejudica essencialmente o desenvolvimento de suas faculdades, que, por assim dizer, se fecham sobre si mesmas e não se desdobram com toda a liberdade, como na intimidade e num meio simpático. A presença de pessoas molévolas ou antipáticas produz sobre ele o efeito do contato da mão sobre a sensitiva.

O sonâmbulo vê, ao mesmo tempo, o seu próprio espírito e o seu corpo; eles são, por assim dizer,

dois seres que lhe representam a dupla existência espiritual e corporal, confundidos, entretanto, pelos laços que os unem. Nem sempre o sonâmbulo se dá conta dessa situação, e essa dualidade faz que freqüentemente ele fale de si mesmo como se falasse de uma pessoa estranha. É que num momento o ser corporal fala ao espiritual, e noutro é o ser espiritual que fala ao ser corpóreo.

O espírito adquire um acréscimo de

conhecimento e de experiências em cada uma de suas existências corpóreas. Esquece-os, em parte, durante a sua encarnação numa matéria demasiado grosseira, mas recorda-os como espírito. É assim que certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao seu grau de instrução, e mesmo à sua capacidade intelectual aparente. A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, em seu estado de vigília, não permite, portanto, pre julgar-se nada sobre os conhecimentos que ele pode revelar no estado lúcido. Segundo as circunstâncias e o objetivo que se tenha em vista, ele pode hauni-los na sua própria experiência, na clarividência das coisas presentes, ou nos conselhos que recebe de outros espíritos; mas, como o seu próprio espírito pode ser mais ou menos adiantado, ele pode dizer coisas mais ou menos justas.

Pelos fenômenos do sonambulismo, seja natural, seja magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz amar ao espetáculo sublime da sua emancipação; por esses fenômenos ela nos abre o livro do nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa à distância, é evidente que ele o vê, mas não pelos olhos do corpo: vê-se a si mesmo no local, e para lá se sente transportado; lá existe, portanto, qualquer coisa dele, e essa qualquer coisa, não sendo o seu corpo, só pode ser a alma ou o seu espírito. Enquanto o homem se extravia nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, na busca das causas de nossa existência moral, Deus põe diariamente sob os seus olhos e sob as suas mãos os meios mais simples



e mais patentes para o estudo da Psicologia experimental.

No final do resumo teórico apresentado, após falar sobre outros fenômenos relacionados com a emancipação da alma, Kardec conclui dizendo: O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista não são mais do que variedades ou modificações de uma mesma causa. Esses fenômenos, da mesma maneira que os sonhos, pertencem à ordem natural. Eis porque existiram desde todos os tempos: a História nos mostra que eles foram conhecidos, e até mesmo explorados, desde a mais alta antiguidade, e neles se encontra a explicação de uma infinidade de fatos que os preconceitos fizeram passar como sobrenaturais.

Os conceitos emitidos por Kardec sobre todos esses fenômenos datam de uma época em que o estágio de desenvolvimento científico não lhe permitia contar com recursos de comparação para que ele pudesse fazer analogia, por exemplo, entre ondas mentais e ondas hertzianas, assim como o faz hoje André Luiz para

o fenômeno da transmissão e recepção do pensamento. Contudo, como pioneiro das pesquisas psíquicas, Kardec não só assentou as verdadeiras bases para a ciência do espírito, como também os conceitos por ele emitidos naquela época são de indiscutível atualidade, porque, seja qual for a terminologia hoje utilizada, em nada altera a realidade dos fenômenos por ele estudados.

Assim é que, dos conceitos emitidos por Kardec, muitos estão aos poucos se afirmando em nossos dias e outros tendem a afirmar-se definitivamente, com base na comprovação científica, motivo pelo qual a obra kardequiana constitui o sólido alicerce do grandioso edifício da Doutrina Espírita, que, em relação ao seu aspecto científico, "não pode deixar de ser essencialmente progressista, como todas as ciências de observação", no dizer do próprio Kardec.

FONTE

A DINÂMICA DA MENTE NA VUSÃO ESPÍRITA, por José Marques Mesquita, ed. LUZ NO LAR

## Mensagens

### FAÇA (OU RENOVE) SUA ASSINATURA DE "INFORMAÇÃO"

Envie um cheque nominal ao GRUPO ESPÍRITA "CASA DO CAMINHO", Caixa Postal 45307, Agência Vila Mariana, CEP 04010-970, São Paulo (SP), no valor de R\$ 30,00 e garanta o recebimento por 12 meses de números inéditos da revista.

Preencha o cupom abaixo com os dados pedidos e remeta-nos ao endereço acima indicado.

**NOME:** \_\_\_\_\_  
**ENDEREÇO:** \_\_\_\_\_  
**CIDADE:** \_\_\_\_\_ **ESTADO:** \_\_ **CEP:** \_\_\_\_\_ - \_\_\_\_\_

Nota - Em caso de renovação queira indicar o mês do vencimento de sua assinatura e o número



## OS FENÔMENOS ESPÍRITAS NA BÍBLIA

Muito se tem insistido sobre as proibições de Moisés, contidas no ~xodo, no Levítico e no Deuteronômio. E' inspirados em tais proibições que certos teólogos condenam o estudo e a prática dos fatos espíritas. Mas o que Moisés condena são os mágicos, os adivinhos, os áugures, numa palavra, tudo o que constitui a magia, e é o que o próprio espiritualismo moderno também condena. Essas práticas corrompiam a consciência do povo e lhe paralisavam a iniciativa; obscureciam nele a ideia divina, enfraquecendo a fé nesse Ente supremo e onipotente que o povo hebreu tinha a missão de proclamar. Por isso não cessavam os profetas de o advertir contra os encantamentos e sortilégios" que o perdiam (161). As proibições de Moisés e dos profetas tinham apenas um fim: preservar os hebreus da idolatria dos povos vizinhos. E' possível também que não visassem senão o abuso, o mau uso das evocações, porque, apesar dessas proibições, são abundantes na Bíblia os fenômenos espíritas. O papel dos videntes, dos oráculos, das pitonisas, dos inspirados de toda ordem é ali considerável. Lá não vemos Daniel, por exemplo, provocar, por meio da prece, fatos mediúnicos? (Duniel, IX, 21). O livro que traz o seu nome é, entretanto, reputado inspirado. Como poderiam as proibições de Moisés servir de argumento aos crentes dos nossos dias, quando, nos três primeiros séculos da nossa era, nisso não viam os cristãos o menor obstáculo às suas relações com o mundo invisível? Dizia S. João: "Não acrediteis em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus." (1 João, IV, 1). Não há aí

uma proibição; ao contrário. Os hebreus, cuja crença geral era que a alma do homem, depois da morte, era restituída ao sckeol, para dele jamais sair (Job, X, 21, 22), não hesitavam em atribuir ao próprio Deus todas essas manifestações. Deus intervém a cada passo, na Bíblia, e às vezes mesmo em circuntâncias bem pouco dignas dele. Era costume consultar os videntes sobre todos os fatos da vida íntima, sobre os objetos perdidos, as alianças, os empreendimentos de toda ordem. Lê-se em Samuel 1, cap. IX, v. 9: "Dantes, quando se ia consultar a Deus, dizia-se: Vinde, vamos ao vidente. - Porque os que hoje se chamam profetas, chamavam-se videntes." O sumo sacerdote mesmo proferia julgamentos ou oráculos mediante um objeto de natureza desconhecida, chamado urim, que colocava sobre o peito. (Êxodo, XXVIII, 30. - Números, XXVII, 21). Por uma singular contradição nos que negavam as manifestações das almas, ia-se muitas vezes evocar os mortos, admitindo desse modo os fatos, depois de haver negado a causa que os produzia. E' assim que Saul faz evocar o Espírito de Samuel pela pitonisa de ~ndor 1 Samuel, XXVIII, 7-14) (162). De tais narrativas resulta que, não obstante a ausência de toda noção sobre a alma e a vida futura, a despeito das proibições de Moisés, entre os hebreus alguns acreditavam na sobrevivência e na possibilidade de comunicar com os mortos. Daí a explicar a desigualdade de inspiração dos profetas e seus frequentes erros, pela inspiração dos Espíritos mais ou menos esclarecidos, não há mais que um passo. Como o não deram os

autores judaicos? E, entretanto, não havia outra explicação. Sendo Deus a infinita sabedoria, não é possível considerar proveniente dele uma doutrina que descarta de fixar o homem sobre um ponto tão essencial como o dos seus destinos alémtúmulo; ao passo que os Espíritos não são senão as almas dos homens desencarnados, mais ou menos puras e esclarecidas, não possuindo sobre as coisas senão limitado saber. Sua inspiração, projetando-se nos profetas, devia necessariamente traduzir-se por ensinamentos, ora opulentos e elevados, ora vulgares e evadidos de erros. Em muitos casos mesmo deveriam eles ter em conta, em suas revelações, as necessidades do tempo e o estado de atraso do povo a que eram dirigidos. Pouco a pouco as crenças dos judeus se ampliaram e se completaram ao contacto de outros povos mais adiantados em civilização. A ideia da sobrevivência e das existências sucessivas da alma, vinda do Egito e da Índia, penetrou na Judeia. Os saduceus increpavam os fariseus de terem assimilado dos orientais a crença nas vidas renascentes da alma. Esse fato é afirmado pelo historiador Josefo (Antig. Jud., 1, XVIII). Os essênios e os terapeutas professavam a mesma doutrina. Talvez existisse mesmo, desde essa época na Judeia, como se provou mais tarde, ao lado da doutrina oficial, uma doutrina secreta, mais completa, reservada às inteligências de escol (163). Como quer que seja, voltemos aos fatos espíritas mencionados na Bíblia, os quais estabelecem as relações dos hebreus com os Espíritos dos mortos, em condições análogas às que são hoje observadas. Do mesmo modo que em nossos dias, os seus médiuns, a que eles chamavam profetas, eram como

tais reconhecidos em razão de uma faculdade especial (Números, XII, 6), às vezes latente e que exigia um desenvolvimento particular semelhante ao ainda hoje praticado nos grupos espíritas, como o vemos a respeito de Josué, que Moisés "instrui" pela imposição das mãos (Números, XXVII, 15-23). Esse fato se reproduz muitas vezes na história dos apóstolos. Semelhante à dos médiuns, a lucidez dos profetas era intermitente. "Os mais esclarecidos profetas - diz Le Maistre de Sacy, em seu comentário do livro 1 dos Reis - nem sempre possuem a faculdade de adivinhação na profecia." (Ver também ISO?(I.S', XXIX, 10). Tal qual como hoje, as relações mediúnicas custavam por vezes a se estabelecer: Jeremias espera dez dias uma resposta à sua súplica. (Jer., XLII, 7). Outros exploravam sua pretensa lucidez, dela fazendo tráfico e ofício. Lê-se em Ezequiel, capítulo XIII, 2, 3 e 6: "Filho do homem, dirige as tuas profecias aos profetas de Israel que se metem a profetizar, e dirás a estes que profetizam por sua cabeça: Ai dos profetas insensatos que seguem o seu próprio espírito e não vêem nada! Eles vêem coisas vãs e adivinham a mentira, dizendo: o Senhor assim o disse, sendo que o Senhor os não enviou: e eles perseveram em afirmar o que uma vez disseram. (Ver também Miquéias, III, 11 e Jeremias, V, 31) Na antiguidade judaica, muitas vezes se recorria à música para facilitar a prática da mediunidade. Eliseu reclama um tocador de harpa para poder profetizar (II Reis, III, 15), e a obscuridade era considerada propícia a essa ordem de fenômenos. "O eterno quer assistir na obscuridade", diz Salomão, falando do lugar santo, por ocasião da consagração do Templo (Crôn., II, VI, 1), e é, com efeito, no santuário que se



dão muitas vezes as manifestações: aí se mostra a "nuvem" (II, Paralip., v, 13, 14), e nele vê Zacarias o anjo que lhe prediz o nascimento de seu filho (Lucas, 1, 10 e seguintes). A música era igualmente empregada para acalmar as pessoas atuadas por algum mau Espírito, como o vemos com Saul, que a harpa do jovem David aliviava (1, Reis, XVI, 14-23). Apreciando em seu valor o dom da mediunidade, aplicavam-se então, como ainda hoje, a desenvolvê-la, com a diferença apenas de que o que hoje se faz limitadamente entre os espíritas, se praticava outrora em maior escala. Já no deserto, Moisés, aquele grande iniciado, havia comunicado o dom da profecia a setenta anciãos de Israel (Números, XI), e mais tarde, na Judeia, se contavam diversas escolas de profetas, ou, por dizer diversamente, de médiuns em Betel, Jericó, Gargala, etc. A vida que aí se levava~ toda de recolhimento, de meditação e prece, predispunha para as influências espirituais. Certos profetas prediziam o futuro; outros falando ao povo por inspiração, lhe excitavam o zelo religioso e o exortavam a uma vida moralizada. As expressões de que se serviam para indicar que se achavam possuídos pelo Espírito fazem lembrar o modo por que esses fenômenos continuam a produzir-se em nossos dias. "O peso, ou o Verbo do Senhor está sobre mim. O Espírito do Senhor entrou em mim. Eu vi, e eis o que diz o Senhor." Recordemos que, nessa época, toda inspiração era considerada diretamente proveniente da Divindade. "O espírito caiu sobre ele", diz ainda a Escritura a respeito de Sansão, cuja mediunidade tinha o característico da impetuosidade. (Juizes, XV, 14). Quanto aos

fenômenos em si mesmo, um exame, por pouco demorado que seja, das narrativas bíblicas, nos provará que eram idênticos aos que hoje se obtêm. Passemos-los rapidamente em revista, começando pelos que, tendo primeiro chamado a atenção em nossos dias sobre o mundo invisível, simbolizam ainda, aos olhos de certos observadores muito superficiais ou pouco iniciados o fato espírita em si mesmo; queremos falar dos movimentos de objetos sem contacto. A Bíblia (IV Reis, VI, 6), nos refere que Eliseu faz vir à superfície, lançando um pedaço de madeira à água, o ferro de um machado que nela havia caldo. Da levitação, esse mesmo Eliseu transportado "para o meio dos cativos que viviam junto do rio Chobar" (Ez., III, 14, 15), e Filipe que súbitamente desaparece aos olhos do eunuco e se encontra novamente em Azot (Atos, VIII, 39, 40), são exemplos notáveis. A propósito de escrita mediúnica, pode citar-se a das tábuas da lei (Êxodo, XXXII, 15, 16; XXXIV, 28). Todas as circunstâncias em que essas tábuas foram obtidas provam exuberantemente a intervenção do mundo invisível. Não menos comprobativa é a inscrição traçada, por u'a mão materializada, em uma das paredes do palácio durante um festim que dava o rei Baltasar. (Daniel, capítulo V). Poder-se-ia considerar como fenômenos de transporte o maná de que se alimentam os israelitas em sua jornada para Canaã, o pão e vaso d'água, colocados ao pé de Elías, quando despertou, por ocasião de sua fuga pelo deserto (1 Reis, XIX, 5 e 6) etc. Todos os fenômenos luminosos hoje observados têm igualmente seus paralelos na Bíblia, desde a simples irradiação perispírita notada em

Moisés (mx., XXXIV, 29, 30), e no Cristo (transfiguração) e a produção de luzes (Atos, II, 3, e IX, 3), até as aparições completas que não se contam na Bíblia, tão frequentes S~O (164). A mediunidade auditiva tem numerosos representantes na judéia: os repetidos chamados dirigidos ao jovem Samuel (1 Reis, III), a voz que fala a Moisés (Sxodo, XIX, 19) a que se faz ouvir na ocasião do batismo do Cristo (Lucas, III, 22), como a que o glorifica pouco antes da sua morte (João, XII, 28), são outros tantos fatos espíritas. As curas magnéticas são inúmeras. Ora a prece e a fé reforçam a ação fluídica, como no caso da filha de Ja.íro (Lucas, VIII, 41, 42, 49-56), ora a força magnética intervêm só por si, sem participação da vontade (Marcos, V, 25-34), ou ainda se obtém a cura por imposição das mãos, ou por meio de objetos magnetizados (Atos, XIX, 11-12). A mediunidade com o copo d'água igualmente se encontra nessas antigas narrativas. Que é, de fato, a taça de que José se servia (Gênesis, XLIV, 5) "para adivinhar", senão o vulgar copo d'água, ou a esfera de cristal, ou qual quer outro objeto que apresente uma superfície polída em que os médiums atuais vêem desenhar-se quadros que são os únicos a perceber? Na Bíblia podem-se ainda notar casos de clarividêfclcia, compreendendo, então, como hoje, sonhos, intuições, pressentimentos, formas ou derivados da mediunidade que, em todos os tempos, foram grandemeflte numerosos e se reproduzem agora às nossas vistas. Digamos ainda uma palavra da inspiração, esse afluxo de elevados pensamentos que vem do alto e imprime às nossas palavras algo de sobre-humano. Moisés, que apresentava todos os gêneros de

mediunidade, profere, em diferentes lugares cânticos inspirados ao Eterno, como por exemplo, o do capítulo XXXII do Deuteroflôflio. Um caso notável, assinalado nas Escrituras, é o de Balaão. Esse mago caldeu cede às reiteradas solicitaç5es do rei de Moab, Balac, e vem dos confins da Mesopotâmia para amaldiçoar os israelitas. Sob a influência de Jeová é obrigado, repetidas vezes, a elogiar e abençoar esse povo, com decepção cada vez maior de Balac (165). Os homens da Judeia, esses profetas de ânimo impetuoso, experimentaram também os benefícios da inspiração, e graças a esse dom, a esse sopro que anima os seus discursos, é que a antiga Bíblia hebraica deve ter sido muito tempo considerada o produto de uma revelação divina. Pretendeu-se desconhecer as numerosas falhas que nela se patenteiam aos olhos de um observador sem preconceitos, a insuficiência, a puerilidade dos conselhos, ou dos ensinamentos implorados a Deus (Uên., XXV, 22; 1 Reis, IX, 6; IV Reis, 1, 1-4; 1 Reis, XXX, 1-8), quando nos censurariam, com razão, de tratar dessas coisas nos grupos espíritas. Esquecem-se as crueldades aprovadas, mesmo quase recomendadas por Jeová, os escabrosos detalhes, finalmente tudo o que, nesse livro, nos revolta ou provoca a nossa reprovação, para não ver senão as belezas morais que nele se contêm e sobretudo a expressão de uma fé viva e passional, que espera o reino da justiça, senão para a geração contemporânea, que só a esperança ampara e fortifica, ao menos para as gerações futuras.

FONTE  
CRISTIANISMO E ESPIRITISMO, po Léon Denis, ed. FEB



## SENTIMENTO DE CULPA

Emmanuel prefaciando o livro "Missionários da Luz", ditado pelo Espírito André Luiz, através de Francisco Cândido Xavier, nos ensina e alerta: - "Ao Espiritismo cristão cabe, atualmente, no mundo, grandiosa e sublime tarefa. Não basta definir-lhe as características veneráveis de Consolador da Humanidade, é preciso também revelar-lhe a feição de movimento libertador de consciências e corações".

O caráter consolador surge quando, diante de nossos sofrimentos e aflições, dúvidas e questionamentos, perturbações ~ desequilíbrios, expectativas e anseios, medos e inseguranças, compreendemos de maneira efetivamente prática, com coerência, clareza e lógica, os ensinamentos estruturados nos princípios da Doutrina Espírita e nas Leis Morais, sábias e perfeitas, Código Divino de conduta, ratificado e exemplificado pelo Mestre Jesus.

O caráter libertador surge quando compreendemos nossa realidade espiritual, nossa consciência como Espírito Eterno, criado na condição "simples e ignorante", para alcançar a "angelitude", cujo modelo e guia é Jesus, através do esforço pessoal e intrasferível, impelindo-nos a nos desvencilharmos, gradativamente, dos liames das imperfeições que ainda nos retém na esfera da inferioridade.

Com base neste enfoque, a presente abordagem visa discutir como se processa o mecanismo de culpa, no contexto da vida, e como podemos utilizar o caráter consolador e libertador que cabe ao Espiritismo.

### 1. Comportamento do Espírito

Como ponto de partida, optou-se por iniciar abordando e buscando entender como se processa o comportamento do Espírito diante do contexto da vida, ou seja, como age ou reage diante das circunstâncias da vida.

Para tal, consideramos que estamos submetidos a influências incessantes e contínuas do mundo exterior, composto pelo mundo físico e espiritual, sobre nossa individualidade ou nosso mundo interior se assim podemos adotar. Estas influências se traduzem por estímulos que nos alcançam das mais diversas formas, sejam visuais, verbais, mentais, auditivos, por gestos ou expressão corporal, etc.

Estes estímulos de alguma forma interagem com o nosso interior e podem repercutir basicamente de três maneiras diferentes: causam "bem estar", ou "mal estar" ou ainda não causam aparentemente nenhum estado interior e podem ser considerados neutros.

Algumas repercussões de "bem estar": alegria, satisfação, otimismo, calma, tranquilidade, serenidade, confiança, segurança, fortalecimento, equilíbrio, esperança, felicidade, harmonia, conformação, animo, capacidade de realizar, amizade, compreensão, coragem, cooperação, dedicação, fraternidade, generosidade, gratidão, solidariedade, entre outros.

Algumas repercussões de "mal estar": angústia, agonia, tristeza, desânimo, desalento, preocupação, insegurança, nervosismo, depressão, impotência, nervosismo, cólera, ira, intranquilidade, vingança, inquietude,



insatisfação, ansiedade, desequilíbrio, remorso, intemperança, abatimento, prostração, repulsa, aflição, desgosto, magoa, pesar, agitação, amargura, desprezo, inconformação, indiferença, omissão, agressividade, má vontade, desamor, desespero, irritação, medo, desesperança, desconfiança, maldade, crueldade, pessimismo, entre outros.

Estas repercussões na realidade são efeitos dos estímulos exteriores em interação com o nosso eu interior. Quando nos referimos ao nosso "eu interior" e no que diz respeito ao que somos realmente, como Espíritos, a nossa escala de valores, as nossas virtudes e defeitos sob a ação continua, predominante e inequívoca, do nosso estado mental, que pode variar em cada momento conforme a intenção consciente ou inconsciente de nosso Espírito.

Desta forma, o estímulo exterior vai encontrar eco e vai interagir em nosso interior diretamente em nossa escala de valores e em nossos defeitos e virtudes, assistido e influenciado, indelevelmente, pelo nosso estado mental. Se fôssemos Jesus, como Espírito Puro, qualquer estímulo exterior iria sempre encontrar em nosso interior somente virtudes num estado mental sempre elevado e, portanto, nossas ações sempre seriam de total atendimento e coerência com as Leis Divinas.

E é o resultado deste mecanismo, elaborado em nosso interior, que vai originar nossas ações ou reações a cada momento, devolvendo ao mundo exterior, segundo aquilo que nosso Espírito, ou seja, nós mesmos, conscientemente ou inconscientemente processamos. E assim fica estabelecido o mecanismo

ou ciclo constante de interação entre o mundo exterior e nós. Isto ratifica o que Emmanuel nos ensina "que em todos os domínios do Universo vibra, pois, a influência recíproca. Tudo se desloca e renova sob os princípios da interdependência e repercussão." (Pensamento e Vida - cap.1) -

Objetivando exemplificar, tomemos um caso prático da vida:

Acordamos bem, e vamos nos encaminhar logo cedo ao trabalho de carro. No trânsito, nos deparamos com um cidadão que comete um erro grave ao conduzir seu veículo e quase causa um dano efetivo em nosso veículo se não fosse nossa atenção no momento. Nosso impulso automático é reagir, pois ainda é nosso defeito o orgulho, e como orgulhosos não podemos suportar tal acontecimento sem reação agressiva a fim de manter nossa condição de superioridade...afinal foi "ele" quem errou..., entretanto, já temos em nossa escala de valores a realidade da vida e sabemos que temos que combater nossos defeitos, entre eles, notadamente o egoísmo e o orgulho, e predominantemente estamos num começo de dia aonde o nosso estado mental é de equilíbrio e portanto favorável ao raciocínio ou ao uso da razão. E antes de reagirmos automaticamente como era inicialmente previsto, conseguimos refrear nosso impulso, e modificamos nossa atitude e aí agimos de forma cristã, mesmo que em pensamento e sentimento, desculpando o infrator e ainda desejando que ele realmente possa ser envolvido pelos amigos espirituais para ser auxiliado.

Estímulo exterior = situação criada pelo condutor do outro veículo

Repercussão inicial = mal estar = nervosismo, vingança, cólera,



agressividade

Defeitos e Virtudes = potencial para agir correto ou reagir de forma incorreta

Escala de valores interior = potencial para agir de forma correta Estado mental = equilíbrio, tranqüilidade, favorável ao raciocínio.

Resultado final = ação elaborada e de forma correta

Vamos nos reportar a esta mesma situação, apenas alterando a qualidade do nosso estado mental no instante do acontecimento. Fica claro e notório que nesta condição iria prevalecer o nosso impulso, nossa reação automática com conseqüências talvez danosas à frente de um fato corriqueiro da vida. Tínhamos potencial interior para agir diferente, de forma raciocinada e equilibrada, mas devido ao nosso estado mental no momento, reagimos de forma inadequada. Assim, teríamos:

Estímulo exterior = situação criada pelo condutor do outro veículo  
Repercussão inicial = mal estar = nervosismo, vingança, cólera, agressividade

Defeitos e Virtudes = potencial para agir correto ou reagir de forma incorreta  
Escala de valores interior = potencial para agir de forma correta  
Estado mental = desequilíbrio, intranqüilidade, desfavorável ao raciocínio.

Resultado final = reação automática e de forma incorreta e inadequada.

Poderíamos ainda também ter uma outra situação:

Estímulo exterior = situação criada pelo condutor do outro veículo  
Repercussão inicial = mal estar = nervosismo, vingança, cólera, agressividade  
Defeitos e Virtudes = ainda não há elementos

desenvolvidos para poder agir correto  
Escala de valores interior = ainda não há elementos para agir de forma correta  
Estado mental = equilíbrio, tranqüilidade, favorável ao raciocínio.  
Resultado final = reação automática e de forma incorreta  
Se o estado mental ainda fosse de desequilíbrio, poder-se-ia esperar reações efetivamente piores.

Podemos fazer este exercício para qualquer situação de nossa vida, avaliando o contexto do que fizemos ou do que poderíamos ter feito. Este exercício com a continuidade e o tempo, vai nos levar ao nosso auto-conhecimento, permitindo educarmos-nos como Espíritos que priorizam sua ascensão espiritual.

De forma esquemática, representamos:

Assim, temos o ciclo de interação recíproca, entre o "Eu e o Mundo Exterior", em que cada ação ou reação nossa, seja positiva/bem ou negativa/mal, estabelecerá naturalmente as conseqüências correspondentes segundo a Lei de causa e efeito.

2. Manifestação do Espírito através do cérebro (físico e perispiritual)

Conforme esclarecimentos do Espírito Calderaro, no livro No Mundo Maior - cap 2 e 3, podemos sintetizar a forma de utilização do Espírito para se manifestar utilizando o cérebro:

Diante deste quadro, podemos associar o comportamento do Espírito com a maneira de se manifestar através do cérebro, uma vez que:

a) Nosso histórico espiritual, acumulando todas nossas experiências e vivências, caracterizando o que somos na atualidade, em nossa escala de valores, em nossos defeitos e



virtudes, está associado ao nosso inconsciente, traduzindo o automatismo, os impulsos automáticos que se caracterizam por surgirem sem a nossa mínima participação consciente ou raciocinada e que afloram de forma condicionada, dependendo do estímulo exterior e a repercussão em nosso interior. Sobressai daí que nossas reações espontâneas são impensadas, e como ainda, em nosso estágio evolutivo atual, predomina a imperfeição em nosso ser, via de regra, nossas reações automáticas são revestidas de inferioridade e por isso associamos a reações negativas ou instintivas.

Entretanto, é evidente que também podemos ter espontaneidade em nossas ações corretas, uma vez que em algum instante do passado, já conseguimos conquistar determinada virtude, pelo esforço próprio. O automatismo neste caso também se faz, mas como fruto de um trabalho anterior de superação de determinado defeito.

b) No presente, no momento atual, o Espírito utiliza o córtex cerebral, caracterizando a possibilidade das conquistas atuais, aonde podemos efetivamente agir, através do esforço e vontade, usufruindo das experiências atuais bem como de todo aprendizado que trazemos em nosso histórico. E no presente que podemos realizar e executar. E no presente que podemos trabalhar efetivamente. É no presente que podemos raciocinar e discernir sobre nossas ações, pensamentos e sentimentos. É no presente que podemos refrear nossos impulsos automáticos para criar novo comportamento, objetivando nosso crescimento espiritual.

c) É no superconsciente que está

centralizado o nosso ideal superior, as noções nobres de elevação, caracterizando o futuro e, portanto, o nosso direcionamento para a Angelitude. Desta forma, é possível usufruir de momentos presentes em que nosso pensamento se situa nesta região do cérebro, permitindo fortalecer nossas posições nas lutas com o nosso Eu ainda inferior, permitindo uma sintonia com a espiritualidade maior, auxiliando nosso desenvolvimento no presente, influenciando assim nossas ações.

Podemos, então, estabelecer as seguintes associações:

- Nossas ações raciocinadas/pensadas com o consciente e o superconsciente.

- Nossas reações automáticas, por impulsos automáticos com o inconsciente ou subconsciente.

- Não necessariamente o que é raciocinado é o que conduz a melhor ação, uma vez que vai depender da escala de valores e das virtudes/defeitos, em outras palavras do grau evolutivo.

- Não necessariamente o que é impulso automático é o que conduz a pior reação, pois vai depender do grau evolutivo.

3. Conseqüências da ação ou reação  
Como é de conhecimento, a Lei de ação e reação ou causa e efeito é indicador marcante da Justiça Divina, que é perfeita, sabia e justa.

Desta forma, todas as ações ou reações que foram corretas, que estiveram atendendo as Leis Divinas, que caracterizam o "bem", naturalmente deverão originar conseqüências benéficas para o seu autor bem como para aqueles que estiverem beneficiados no contexto de tal ação/reação de conduta e



comportamento.

Da mesma forma, todas as ações ou reações que forem incorretas, inadequadas, que não atenderem as Leis Divinas, caracterizando assim o "mal", naturalmente irão originar conseqüências negativas para seu autor bem como prejudicando aqueles que estiverem envolvidos no contexto de tal ação/reação de conduta e comportamento.

Lembremos que somos responsáveis por todo o bem que deixamos de fazer, por todo mal que fizemos e por todo mal conseqüente e devido ao bem que deixamos de fazer. E esta responsabilidade está diretamente correlacionada com o nosso grau de conhecimento.

Vamos nos deter particularmente neste segundo caso, onde as conseqüências são negativas e para tal, utilizemos o seguinte esquema:

Quando agimos ou reagimos de forma indevida cometendo erros, falhas, deixando de cumprir nossos deveres, naturalmente, por conseqüência colhemos aflições, tribulações, problemas que caracterizam sofrimento em grau diverso de intensidade, correspondente à gravidade do erro e ao nosso conhecimento no momento deste erro. Podemos assim, compreender melhor o que significa causa anterior das aflições (passado) e causa atual das aflições (vida atual), conforme consta no Evangelho segundo o Espiritismo - cap V. e cap.III - itens 13 a 18.

Na condição de erro, pela Lei de Justiça Divina, sofremos as conseqüências devidas, caracterizando o que se chama de

expição. A expiação ocorre para ser possível resgatar e apagar nossos erros e faltas. É como numa contabilidade, onde necessariamente deveremos quitar nossos débitos.

Prova é a condição de teste, é a oportunidade de exercitar-se para o aprendizado, é a oportunidade de provar que aprendeu, que progrediu no aspecto em referência.

Daí resultam as seguintes conclusões:

- A expiação serve sempre de prova, e poderá ser aproveitada ou não como prova, dependendo de nossa postura diante da expiação. Se aceitarmos com resignação e valorizamos a prova para torna-la significativa em aprendizagem ou se reclamarmos, queixarmo-nos, blasfemarmos e revoltarmo-nos contra Deus e contra tudo, desperdiçando a oportunidade da prova, restando somente a expiação com agravamentos pela inconformação e revolta, até que nova postura seja adotada.

- O sofrimento não necessariamente é indicio de uma falta e, portanto, uma expiação. Pode ser uma prova escolhida pelo Espírito para acelerar o seu adiantamento e progresso. Muitos missionários estão envolvidos neste tipo de processo.

- Aquele que bem suporta, sem reclamar ou blasfemar, pode até ser expiação, mas tudo indica que é uma escolha voluntária, portanto, uma prova de firme resolução.

- Nas provas e expiações há sempre sinal de inferioridade, pois quem é perfeito não precisa expiar ou ser provado.



## AS EXPIAÇÕES COLETIVAS

Explica-nos perfeitamente o Espiritismo a causa dos sofrimentos individuais, como consequência, ou expiação do passado; mas, visto que ninguém responde senão pelas próprias faltas, como explicar as desgraças coletivas, que ferem aglomerações de indivíduos, uma família, uma cidade, uma nação, ou uma raça inteira, as quais atingem tanto os bons como os maus, tanto os inocentes como os culpados?

Clelie Duplantier - As leis, que regem o universo, físicas ou morais, materiais ou intelectuais, têm sido descobertas, estudadas e compreendidas, dirigindo-se o estudo do indivíduo e a família para a universalidade, por generalização, demonstrando-se a universalidade dos resultados. Têm hoje o mesmo cunho as que o Espiritismo revela: Podeis, sem receio de errar, aplicar as que regem o indivíduo, à família, à nação, às raças, à massa dos habitantes dos mundos, que são individualidades coletivas.

Tôdas as faltas, quer do indivíduo, quer de famílias e nações, seja qual fôr o caráter, são expiadas em cumprimento da mesma lei.

O algoz expia o mal praticado, quer tendo sempre a vítima presente, no espaço, quer vivendo em contato com ela em uma ou muitas existências sucessivas até a reparação do mal causado. O mesmo acontece, quando se trata de crimes cometidos solidariamente por mais de um; as expiações são solidárias: o que não embarga a cada um de fazer simultaneamente a de suas faltas individuais.

Em todo o ser humano há três caracteres: o do indivíduo ou do ente

em si mesmo, o do membro da família e o do cidadão. Sob cada uma dessas três faces, pode ele ser criminoso ou virtuoso; isto é, pode ser virtuoso, como pai de família, e criminoso como cidadão e vice-versa; daí as situações especiais em que se acha nas existências sucessivas.

Pode pois admitir-se como regra geral, que todos os que se ligam, nua existência, por empenhos comuns, já viveram juntos, trabalhando para o mesmo fim, e encontrar-se-ão no futuro, até que o tenham alcançado, isto é, expiado o passado, ou cumprido a missão que aceitaram

Graças ao Espiritismo, compreende-se hoje a justiça das provações, que não estão em relação com os atos da vida presente, desde que as considerem, em referência aos atos do passado, uma amortização de dívidas. Por que serão assim as punições coletivas? Dizem que os males gerais ferem culpados e inocentes; mas não se sabe que o inocente de hoje pode ter sido o criminoso de ontem? Quer seja ferido individual, quer coletivamente, não é senão porque o mereceu ser. Demais, como dissemos, há as faltas do indivíduo e as do cidadão, e a expiação de umas não dispensa a das outras, porque é preciso que a dívida seja paga até o último centil.

As virtudes da vida privada não são as da vida pública; pode o indivíduo ser excelente cidadão, porém mau pai de família; um pai de família bom, pobre e honesto, pode ser mau cidadão, ter fomentado a discórdia, oprimido o fraco, manchado as mãos em crimes de lesa-sociedade. São faltas



coletivas, que devem ser expiadas coletivamente pelos que, juntos, as praticaram, e então, para sofrerem a pena de Talião ou terem ensejo de reparar o mal que fizeram, reúnem-se na seguinte existência, como intuito de se dedicarem à causa pública, socorrendo e ajudando aqueles que outrora maltrataram.

O que é incompreensível, inconciliável com a justiça de Deus sem a preexistência da alma, se torna claro e lógico pelo conhecimento da lei.

A solidariedade, que é o verdadeiro laço social, não é só para o presente; estende-se ao passado e ao futuro, pois que os mesmos indivíduos se encontram, e se encontrarão para juntos seguirem as vias do progresso, prestando mútuo concurso.

Eis o que faz compreender o Espiritismo pela equitativa lei da reencarnação e da continuidade das relações entre os mesmos sêres.

Clelie Duplantier

**Reflexões** - Conquanto esta comunicação seja moldada nos princípios conhecidos da responsabilidade do passado e da continuidade das relações do Espírito, encerra, entretanto, uma idéia até certo ponto nova e de grande importância.

A distinção que estabelece entre a responsabilidade pelas faltas individuais ou coletivas, da vida privada e da vida pública, dá a razão de alguns fatos, ainda mal compreendidos e mostra, mais precisamente, a solidariedade que liga os sêres uns aos outros e as gerações entre si. f assim que, muitas vezes o indivíduo renasce na mesma família, ou os membros de uma família renascem em condições de constituir uma nova em outra posição social, a

fim de estreitarem os laços de afeição ou repararem erros comuns.

Por motivos de ordem mais geral, o Espírito renasce, às vezes, no mesmo meio, na mesma nação, na mesma raça, por simpatia ou para continuar, com os elementos já elaborados, os estudos a que se dedicou, aperfeiçoar-se, prosseguir os trabalhos começados que a brevidade da vida ou as circunstâncias não permitiram concluir. A reencarnação no mesmo meio é a causa do caráter distintivo dos povos e das raças. Com o progresso geral, os indivíduos vão, necessariamente, perdendo os caracteres primitivos até que de todo se transformem.

Os franceses de hoje são, pois, os~ do século passado, os da Idade Média, os dos tempos druídicos; são os verdugos e as vítimas do feudalismo, os que escravizaram ou trabalharam pela libertação dos povos, que tornaram à França transformada, onde uns expiam, em humildes posições, o seu orgulho de raça, e outros gozam do fruto dos seus esforços.

Quando pensamos em todos os crimes daqueles tempos em que a vida dos homens e a honra das famílias eram tidas na mais vil conta, em que o fanatismo acendia fogueiras em honra da divindade; quando pensamos em todos os abusos do poder, nas injustiças cometidas com desprezo dos mais sagrados direitos: quem pode estar seguro de ter as mãos limpas e admirar-se de ver grandes e terríveis expiações coletivas?

Porém das convulsões sociais resulta sempre algum benefício; os



Espíritos esclarecem-se pela experiência; a desgraça estimula-os a procurar remédios para os seus males; refletem na erraticidade, tomam novas resoluções e, quando voltam à terra, procedem melhor. É assim que se faz o progresso de geração em geração.

Não podemos duvidar que haja famílias, cidades, nações, raças culpadas, porque, dominadas pelo orgulho, o egoísmo, a ambição, a avareza seguem por mau caminho e fazem em comum o que faz, isoladamente, um indivíduo.

Uma família enriquece-se à custa de outra, um povo subjuga outro e plana em seu seio a ruína e a desolação, uma raça procura aniquilar outra; eis por que há famílias, povos e raças, sobre os quais pesa a pena de Talião.

Essencialmente positivo em suas crenças, repele todo misticismo, salvo se compreendem esta expressão como significando - não crer em nada, não crer em toda a idéia espiritualista, em Deus, na alma e na vida futura. Quer que os homens se ocupem, com seriedade, da vida espiritual, que é a vida normal e aquela onde se completam os seus destinos, pois que a terrestre é transitória e passageira. Dando provas da vida espiritual, ensina ao homem que as coisas deste mundo têm importância relativa, e dá-lhe forças e coragem para sofrer, com paciência, as vicissitudes desta existência passageira. Ensinando, porém, que pela morte não deixamos para sempre este mundo; que podemos, se não fizermos progresso necessário para a ascensão a mundo superior, voltar aqui a fim de completarmos a educação intelectual e moral; que os trabalhos e progressos feitos na terra aproveitam, melhorando a posição futura dos que os

realizaram; ensinando isto, mostra exuberantemente que não é para ser desprezada a vida terrestre.

Se nos repugna voltar a ela, façamos por merecer a promoção a mundo melhor; mas não nos enganemos quanto às condições para conseguirmos aquela promoção! Não é com algumas fórmulas de palavras ou de ações, que a obteremos, mas por uma reforma séria e radical das nossas imperfeições. É modificando-nos, despiando-nos das más paixões, adquirindo cada dia novas qualidades, é ensinando a todos pelo exemplo que alcançaremos o objetivo, tornando todos os homens solidários na felicidade, pela fraternidade, pela tolerância e pelo amor.

A humanidade compõe-se de pessoas, que constituem as existências individuais, e de gerações, que constituem existências coletivas. Uma e outras seguem a via do progresso por fases variadas de provas, que são também individuais para as pessoas e coletivas para as gerações. Assim como cada existência é um passo adiante, que dá o encarnado, também cada geração assenta um marco nas vias do progresso; e este progresso da coletividade é irresistível e arrasta as massas, ao mesmo tempo que modifica e transforma em instrumento de regeneração os erros e os preconceitos de um passado que tem fatalmente de desaparecer. Ora, como as gerações são compostas de indivíduos, que já viveram nas precedentes gerações, o progresso daquelas é a resultante do progresso destes.

Perguntareis quem demonstra a solidariedade entre a geração atual, as que a precederam e as que lhe



hã-de suceder, e como provar que alguém viveu na Idade Média, por exemplo e como volverá a tomar parte nos acontecimentos que se realizarão no correr dos tempos?

O princípio da pluralidade de existência foi demonstrado à sociedade na Revue e nas obras fundamentais da doutrina; não precisamos repisá-lo aqui. A experiência e a observação dos fatos de cada dia nos fornecem numerosas provas físicas, que contêm uma demonstração quase matemática. Aos pensa-dores não pedimos senão que atentem às provas morais resultantes do raciocínio e da indução. Será absolutamente necessário ver para crer? Vendo-se os efeitos, não se pode ter certeza material da causa? Fora da experimentação, a única via legítima que se abre a quem procura a verdade é a que remonta do efeito à causa. Notável justificação dêste princípio oferece-nos a justiça, quando aplicada à verificação dos indícios de algum crime e das intenções do criminoso. Êle é condenado pelos indícios, embora não tenha sido apanhado em flagrante.

A ciência experimental firma diariamente princípios, que mais não são do que induções das causas, as quais se conhecem pelos efeitos. Não se determina em Geologia a idade das montanhas, sem que os geólogos tenham assistido ao seu crescimento, ou visto formarem-se as camadas sedimentosas, que lhes demarcam a idade?

Os conhecimentos astronômicos, físicos e químicos, permitem apreciar o pêso dos planêtas, a densidade, o volume, a velocidade e a natureza dos

elementos que os compõem; entretanto os cientistas não podem fazer experiência direta, e só à analogia e à indução devemos importantes e preciosos descobrimentos.

Os primeiros homens, levados pelo testemunho dos sentidos, afirmavam ser o sol que girava em tórno da terra; entretanto o raciocínio corrigiu aquêle erro.

O mesmo se dá com os princípios firmados pelo Espiritismo, desde que sejam estudados sem preconceitos. É assim que a humanidade entrará, verdadeira e rapidamente, na era do progresso e da regeneração, porque os indivíduos, não mais sentindo-se entre dois abismos - o desconhecido do passado e a incerteza do futuro trabalharão ardentemente por se aperfeiçoar e por multiplicar os elementos de felicidade, que estão ao seu alcance, porque reconhecerão que não devem ao acaso a posição, que ocupam no mundo e terão no futuro os frutos dos seus trabalhos e vigílias.

Enfim o Espiritismo lhes ensinará que se as faltas cometidas coletivamente são expiadas solidariamente, os progressos realizados em comum são da mesma forma solidários e é em virtude dêste princípio, que desaparecerão as dissensões de raça, de família, de indivíduos e que a humanidade, despidas as faixas da infância, caminhará rápida e varonilmente para a conquista do seu verdadeiro destino.

FONTE  
OBRAS PÓSTUMAS, por Allan Kardec, ed. LAKE



## O JOVEM E SEUS PROBLEMAS

Interessar-se pelo conhecimento da Doutrina Espírita, acaba gerando no jovem perquiridor de nosso tempo, dúvidas e mais dúvidas sobre pontos que não se encontram ampla e explicitamente tratados nas obras disponíveis.

Essa a razão pela qual mantém-se este espaço de **INFORMAÇÃO**.

Envie para a Caixa Postal 45307/Ag. Vila Mariana/CEP 04019-970/São Paulo (SP), suas dúvidas anotadas numa folha de papel.

A partir daí, basta acompanhar as novas publicações da seção JUVENTUDE para encontrar o esclarecimento que Você procura.

### A CRIANÇA E A LEI DE CAUSA E EFEITO

**“Segundo o Espiritismo não existe Lei de Causa e Efeito para as crianças e para os doentes mentais?” (Cristiano Ricardo Alves, Vera Cruz- SP)**

Não existe exceção para as leis naturais. Pela Lei de Causa e Efeito – também conhecida por Lei de Causalidade – toda ação corresponde a uma reação. Se uma pessoa, quem quer que seja, pensando agir corretamente, comete um erro, ela sofre as conseqüências desse erro. Não se trata apenas de um preceito moral, mas de uma lei no seu mais amplo sentido, que funciona segundo um automatismo da natureza. Se uma criança ou um deficiente mental – por desconhecer o perigo que corre – enfia o dedo numa tomada elétrica, certamente levará um choque. A lei não “vê” a quem atinge: ela responde sempre que acionada. Portanto, não há exceção para nenhum caso. Entretanto, há uma diferença fundamental entre se cometer um erro por ignorância e cometer-se um erro de forma consciente e deliberada. O aspecto moral da lei está diretamente relacionado ao grau de consciência de quem pratica o ato. Jesus, no seu tempo, já dizia: “A quem muito foi dado, muito será pedido”. O erro, cometido por ignorância, embora traga seu efeito, não gera a

consciência culpada. Ao contrário, o erro deliberado, consciente – aquele que cometemos, sabendo de suas conseqüências nefastas – esse, sim, vai trazer dois tipos de efeito: o que deriva do erro em si e o que deriva da decisão de cometê-lo. No primeiro caso – que é o caso da criança ou do deficiente mental – não existe conseqüência moral para o agente; no segundo, contudo, quando foi deliberado, a pessoa que o cometeu sofrerá as aflições morais que, na grande maioria das vezes, são bem mais penosas que os danos físicos imediatos.

### BUDA E DEUS

**Zilda Domingues (SP) pergunta se Buda era ateu. Ela diz que não existe Deus no Budismo.**

Prezada Zilda. O deus pessoal, que nos foi passado pelo pensamento religioso do ocidente, a partir da proposta de Moisés no judaísmo, de fato, não existe para o Budismo, porque talvez Buda, em lugar disso, concebesse apenas um princípio universal, uma espécie de consciência cósmica. Buda não quis penetrar nesse campo que parece, de fato, inacessível à inteligência humana. Mas, se formos buscar ajuda do Espiritismo, talvez possamos entender melhor essa questão, porém, sem pretendermos decifrá-la de todo. Quando Kardec perguntou aos Espíritos que é Deus, ele próprio (Kardec) – já na formulação da pergunta – cuidou para não definir Deus antes de ter uma resposta. Abra O LIVRO DOS ESPÍRITOS, na primeira pergunta, e veja você mesmo. Kardec não pergunta QUEM É DEUS, como era de se esperar dentro da concepção judaico-cristã. Se usasse o demonstrativo QUEM, já estaria dando a Deus uma conotação de pessoa. Ele pergunta simplesmente QUE É DEUS?, ou seja, QUE COISA É DEUS? O QUE É ISSO? DE QUE SE TRATA? Os Espíritos, ao responderem a pergunta de Kardec, também não dão a Deus a conotação de pessoa: “É A



**INTELIGÊNCIA SUPREMA, CAUSA PRIMÁRIA DE TODAS AS COISAS".** Observe, portanto, que eles também não dizem que Deus é uma pessoa ou que Deus é um Espírito, e ao conceituarem Deus como INTELIGÊNCIA SUPREMA, também não deixam claro o que Deus é. Mais adiante, nas questões seguintes, quando Kardec insiste em saber mais a respeito, os Espíritos pedem cautela e paciência, afirmando que ainda não estamos em condições de compreender a natureza de Deus; basta que saibamos que Ele existe, porque não há efeito sem causa: o universo deve ter uma causa primária – se não, como se justificaria sua existência? . Como – sendo infinitamente pequenos, - nós, humanos, poderemos entender o infinitamente grande? Como – sendo imperfeitos - poderemos compreender a Perfeição? Como – sendo relativos – poderemos entender o Absoluto? Talvez fosse o mesmo que pretender que uma simples minhoca, que vive enfiada na escuridão terra, possa vir a entender o que é o homem. Trata-se de uma questão de alta indagação, de que o comum das pessoas comuns nunca se ocupou e não vai se ocupar, mas tão somente os intelectuais, os pensadores e filósofos. Por enquanto, como ainda nos sentimos incapazes de lidar com a idéia da Perfeição, devemos trata-la por comparação, de acordo com a nossa capacidade conceitual, razão pela qual, ainda hoje, preferimos ficar o conceito que Jesus nos deu, quando simplesmente chamou Deus de Pai.

## **CIENTOLOGIA E ESPIRITISMO**

**Existe alguma relação entre o Espiritismo e a Cientologia? (Antonio Marques Figueira - Garça - SP)**

O que vem a ser Cientologia? Com certeza, muitos leitores ainda não ouviram

falar dessa doutrina, porque ela só surgiu em 1955, nos Estados Unidos; portanto, tem apenas 49 anos. Trata-se de um sistema filosófico-religioso baseado na obra do escritor L.Ron Hubbard, que viveu de 1911 a 1986. A Igreja da Cientologia originou-se de uma psicoterapia chamada dianética. Seus ensinamentos mesclam elementos de psicoterapia com aspectos do cristianismo, do hinduísmo e do budismo. A Cientologia ensina a imortalidade da alma e a evolução espiritual através do mecanismo na reencarnação. Neste ponto específico, ela se parece com o Espiritismo. Mas difere em outros pontos que o Espiritismo não aceita. Por exemplo: a fim de descobrir o seu ser imortal interior, seus adeptos se submetem a um rigoroso processo de entrevistas, que inclui testes com detector de mentira, visando aumentar seu autoconhecimento. A Igreja também exige de seus adeptos altas somas como contribuição financeira. Muitos astros do cinema americano pertencem a essa igreja, conforme já tivemos ocasião de constatar pelos seus próprios pronunciamentos. Embora a Cientologia tenha a reencarnação como ponto comum com o Espiritismo, ela nada tem a ver com o Espiritismo e nem o Espiritismo com ela. A Doutrina Espírita não está voltada apenas e tão somente para solução de problemas particulares, mas, sobretudo, para os grandes problemas da humanidade. Por isso, busca sua base moral na doutrina de Jesus e entende que os problemas humanos serão equacionados, pouco a pouco, à medida que o homem, independente de religião, for se adequando aos padrões de comportamento ensinado por Jesus de Nazaré.



## POR QUE NOSSAS PRECES NÃO SÃO ATENDIDAS?

### I

A grande maioria das pessoas só recorrem à oração quando estão com problemas de ordem material ou por motivo de doença. E sempre aguardando passivamente uma solução imediata para aquilo que as afligem.

Se o atendimento demora, se revoltam, não acreditando na eficácia da oração.

Geralmente esperam por um milagre, e não desprendem um mínimo esforço para a realização do que foi solicitado.

Em geral, só vemos o presente, o imediatismo. Não queremos e não gostamos de sofrer. Mas, se o sofrimento é de utilidade para a nossa felicidade futura, com certeza Deus deixará sofrermos por algum tempo. Entretanto, os Benfeitores Espirituais estarão do nosso lado nos dando força, confiança, coragem, paciência e a resignação, desde que a fé esteja abrigada em nossos corações.

I – Por que não oramos com frequência?

(1) “Não tenho tempo. Ando muito cansado. Como posso orar dessa maneira?” E não orando, acabamos sendo vencidos pelo stress, pelo desânimo. A oração poderia nos ser útil para conseguirmos a energia necessária que nos falta para esses momentos.

(2) “A oração é para os momentos difíceis e de provação”. E quando vivenciamos a dor, dizemos: “Como posso orar com um sofrimento desses? Orem por mim!”. A prece nos dá a sustentação necessária para suportar a dor com resignação e paciência, encarando este momento como um aprendizado. (3) “Mas a

oração é para ser feita nos momentos em que estamos bem. Assim a realizamos com mais eficácia”. E por estarmos felizes, esquecemos ou não temos tempo para a prece.

Deus só entra em nossas vidas se assim O desejarmos e permitirmos. E este caminho é através da oração.

### II – Quando nossas preces não são atendidas

Para ilustrar este tópico, vamos exemplificar com 2 casos:

Caso (A): Um adolescente não estuda para a sua prova na escola. Ele reza para Deus para que alguém possa passar “cola”, ou que ele seja inspirado para ir bem no seu exame. Qual a chance desse adolecente em ser atendido em sua prece e ir bem na prova escolar?

Caso (B): Uma esposa está vivenciando um período muito ruim no relacionamento com seu marido. Ela reza para que o seu marido mude de postura e comportamento. Mas ela nada faz para mudar as suas atitudes e nem procura iniciar um diálogo de reconciliação. Qual a chance desse relacionamento dar certo?

No caso (A), se o adolescente tivesse realmente estudado para a prova, poderia pedir em suas orações para que os Benfeitores Espirituais lhe proporcionasse a calma, e que pudesse ter a inspiração para lembrar da matéria estudada.

No caso (B), a esposa deveria orar para pedir ao Plano Maior que ela tivesse mais calma e paciência, para aprender a aceitar as pessoas como ela são, para pedir inspiração para iniciar um diálogo de reconciliação, para que a Paz possa reinar no seu



Lar. As pessoas sempre ficam passivas esperando que os outros mudem e se adaptem aos seus gostos e caprichos. A mudança deve iniciar dentro de nós. Façamos as mudanças necessárias em nosso íntimo, e por consequência, as mudanças ao nosso redor se efetuarão.

Sempre procuramos jogar os nossos problemas nas mãos de outras pessoas para que possam ser resolvidos. Estamos sempre esperando por soluções milagrosas, não assumimos as nossas devidas responsabilidades. Achamos que basta realizar determinado número de orações para que todos os nossos problemas sejam resolvidos. Se a solução não vem em curto prazo, achamos que Deus não atendeu as nossas preces e, portanto, não vale a pena rezar.

### III – Nem sempre o que pedimos é o melhor para nós

Em certos casos, Deus pode momentaneamente dizer NÃO para certos pedidos. Talvez porque não estejamos suficientemente maduros e esclarecidos para arcar com o que estamos solicitando. Outras vezes, esta solicitação poderá trazer prejuízos para outras pessoas.

Vamos transpor o Nosso Deus Pai, para um pai terreno. A título de exemplo, vamos supor que um filho de 9 anos de idade, procure seu pai, e peça a chave do carro para dar uma volta pela cidade. Um pai prudente com certeza não atenderá este pedido. Esperaria o filho crescer, chegar na idade adequada, para adquirir a carteira de habilitação e aí poder dirigir o veículo.

Assim age Nosso Pai Celestial com determinadas solicitações. Com sabedoria, aguarda o momento

oportuno para nos atender. Existem determinadas Leis no Universo e estas devem ser respeitadas!

Portanto, devemos sempre lembrar de dizer no final de nossas preces:

“Seja feita a Tua vontade Pai, e não a nossa!”

IV – “Ajuda-te e o Céu te ajudará”

O Homem recebeu de Deus a inteligência e o entendimento para que pudesse ser utilizado.

Se o Nosso Criador nos houvesse isentado do trabalho, do esforço e do desenvolvimento da vontade, nosso Espírito ainda estaria na infância espiritual.

Deus assiste aos que se ajudam a si mesmos, e não aos que ficam esperando por um milagre, sem nada fazer para mudar as situações, a esperar pelo socorro.

Pela prece, podemos atrair os Bons Espíritos que nos vêm sustentar com bons pensamentos e conselhos, para assim adquirirmos a força necessária para vencermos as dificuldades, pelo nosso próprio esforço.

Muita vezes reclamamos que nossas orações não são atendidas. Acontece que vivemos num certo padrão mental e emocional, somos muito rígidos em nossos estilos de vida e em nossas atitudes, não encontrando, ou não querendo encontrar, a força de vontade para mudar o nosso interior. Se recusamos estas mudanças tão necessárias para a nossa evolução, como Deus poderá nos ajudar em outras coisas em nossas vidas?

Vamos supor que uma determinada pessoa teve uma vida de excessos, má alimentação e extravagâncias, prejudicando a sua saúde. Passa uma vida com grandes sofrimentos corporais, devidos as doenças que acumulou, em consequência da péssima vida que levou. Esta pessoa

não pode reclamar de Deus pela situação em que está vivenciando. Se tivesse a prática constante da oração, poderia ter encontrado a força necessária para resistir às tentações que a levaram ao estado de penúria do seu corpo.

## **V – Para que serve a oração?**

Não é só nas horas de aflição é que devemos recorrer a este recurso maravilhoso.

A prece pode ser feita todos os dias.

Pela manhã, agradecendo pelo descanso do nosso corpo físico e pedindo a proteção para mais um dia de trabalho.

Ao anoitecer, antes de dormir, agradecendo pelo dia que tivemos, e pedir para que o nosso Espírito possa estar com nossos Amigos Espirituais, para buscar novos esclarecimentos e aprendizados.

Podemos utilizar a oração para pedir proteção, bons conselhos, as inspirações de nosso Guias Espirituais para a resolução de nossos problemas, a saúde e a energia para o nosso corpo físico.

Devemos orar, não só para pedir, mas também para agradecer pelas conquistas do dia-a-dia, e para emitir vibrações positivas para os nossos entes queridos que estejam doentes ou em dificuldades.

Oremos também, e isto mostra a nossa grandeza e elevação de nossa alma, para os nossos inimigos e por todos aqueles que nos desejam o mal. Vamos pedir às Entidades Benevolentes para que possam iluminar seus pensamentos para a prática de atos maia elevados.

Acima de tudo, oremos com muita fé!

## **VI – Maneiras de orar**

Para orar não há necessidade de

palavras decoradas, ditas sem nenhum sentimento. Mais valem dez palavras expressadas com amor e devoção.

Muitos falam que não sabem rezar. Basta fazê-lo humildemente, com suas próprias palavras, acreditando que o que está sendo pedido será concretizado.

Inútil pedir à Deus para que abrevie as nossas provas, ou que nos dê a fortuna material. Devemos solicitar a resignação, a fé e a paciência.

Na questão 658 de “O Livro dos Espíritos” diz que “a prece é sempre agradável a Deus quando é ditada pelo coração, porque a intenção é tudo para Ele. A prece do coração é preferível a que puedes ler, por mais bela que seja, se o leres mais com os lábios do que com o pensamento. A prece é agradável a Deus quando é proferida com fé, com fervor e sinceridade”.

Mas, há em algumas situações em que a prece lida é de grande utilidade quando a pessoa se encontra desequilibrada e ela não encontra harmonia para fazer a oração, desde que se esforce para sentir o seu conteúdo, poderá aos poucos encontrando a sua calma, e encontrando a serenidade, poderá efetuar a sua sintonia com Deus.

Um dos objetivos da oração, e talvez o mais importante, é para fazer agradecimentos. Ficamos a maior parte do tempo só pedindo. Recebemos a graça do Pai Celestial e nem ao menos um “Muito Obrigado” dizemos.

Palavras que expressam graças, alegria ou gratidão, liberam certas energias dentro e ao nosso redor. O ato de fazer agradecimento carrega nossos pensamentos para uma atmosfera de fé e confiança.



“Agradeço ao Senhor, Pai Amado, pelas graças alcançadas” deve ser o nosso refrão constante.

## VII - “Vigiai e Orai”

“Vigiai e orai para que não entreis em tentação” (Mateus, 26:41).

Vigiem os nossos atos, a nossa conduta, os nossos pensamentos e as nossas palavras.

Oremos para pedir bons conselhos, a proteção espiritual e a força para vencer as nossas imperfeições.

Vamos pedir o despertar de nossa consciência para que possamos vencer a influência perturbadora dos Espíritos inferiores, que estão continuamente nos arrastando para a repetição dos equívocos de nosso pretérito, tentando nos desviar da seara do Cristo.

A oração é o pensamento do Homem em comunhão com Deus. É a chama necessária para iluminar a nossa alma.

A vigilância é o cuidado com os nossos pensamentos e reações, a fim de que, possamos agir tão logo percebemos as manobras da tentação.

Juntas, oração e vigilância, constituem o mais poderoso antídoto contra o mal.

## VIII - O que os Espíritos disseram a Allan Kardec

Extraímos as questões 660, 661 e 663 de “O Livro dos Espíritos” para nos esclarecer melhor no que tange sobre a prece:

[660]: Aprece torna o homem melhor?

R: Sim, porque aquele que faz a prece com fervor e confiança se torna mais forte contra as tentações do mal, e Deus lhe envia bons Espíritos para o assistir. É um socorro jamais recusado, quando o pedimos com sinceridade.

[661]: Pode-se pedir eficazmente a

Deus o perdão das faltas?

R: Deus sabe discernir o bem e o mal: a prece não oculta as faltas. Aquele que pede a Deus o perdão de suas faltas não o obtém se não mudar de conduta. As boas ações são a melhor prece, porque os atos valem mais do que as palavras.

[663]: As preces que fazemos por nós mesmos podem modificar a natureza das nossas provas e desviar-lhe o curso?

R: Vossas provas estão na mão de Deus e há as que devem ser suportadas até o fim, mas Deus leva sempre em conta a resignação. A prece atrai a vós os bons Espíritos, que vos dão a força de as suportar com coragem. Então elas vos parecem menos duras. Aprece nunca é inútil quando é bem feita, porque dá força, o que já é um grande resultado. Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará.

## IX – BIBLIOGRAFIA

- “Consciência e Mediunidade” – Projeto Manoel Philomeno de Miranda – Ed. Leal
- “As Leis Dinâmicas da Oração” – Catherine Ponder
- Revista Allan Kardec nº 22 (Abril/Maio/Junho de 1994)
- “O Livro dos Espíritos” – Allan Kardec
- “Evangelho Segundo O Espiritismo” – Allan Kardec Diretoria / Projeto Trilha Brasil

**"Você poderia definir o Espírito de Emmanuel?"**

**- O espírito de Emmafluel para mim é um protetor paternal e admiro nele a dedicação ao serviço do bem e sobretudo a sua persistência no apelo ao trabalho, do qual ele é, para mim, o melhor exemplo, porque Emmanuel não nos aconselha coisa alguma que signifique perda de tempo. Ele crê que o tempo é vida.**

**Então, devemos ao trabalho a nossa melhor homenagem, trabalhando e servindo constantemente."**

(Retirado do livro KARDEC PROSSEGUE, por Adelino da Silveira, ed. CEU)

**"Emmanuel me falou, certa vez: - Chico, se alguém se aproximar de você dizendo**

**que vai capinar o mundo, você não deve questionar... Dê a ele uma enxada! ... De fato, não podemos tirar o entusiasmo de ninguém. A crítica dos opositores de nossa fé não nos dói tanto quanto a crítica dos nossos irmãos de ideal... Vamos incentivar os jovens. Não somos donos do Movimento, a casa espírita não tem donos... Vamos criar oportunidade para o crescimento dos outros. Ninguém precisa anular ninguém... Sobra espaço para as estrelas no firmamento! Todas podem brilhar à vontade..."**

(Retirado do livro O EVANGELHO DE CHICO XAVIER, por Carlos A. Baccelli, ed. DIDIER)



**"Não precisamos esperar a formação de um grupo espírita para recepção de pessoas santas; vão chegar primeiro os mais infelizes; vão contar as mágoas, às vezes até os seus crimes; vêm atrás de amor... A Bondade de Deus não determina o extermínio de ninguém. 'Misericórdia quero, não sacrifício'. O Senhor nos pede misericórdia; não crítica, não preguiça... Estamos com uma Doutrina de muito serviço, então vamos trabalhar sem espírito de antagonismo, reprovação. Aquele que vem até nós é nosso irmão, nossa irmã."**

**"(Quanto ao fenômeno da vida e da morte)... posso dizer que me vejo, simbolicamente, na condição de um lagarto que conseguisse viver, durante longo tempo, e que, por isso, enxergou muitos lagartos - companheiros se cadaverizarem na forma de casulos aparentemente secos e imóveis, a se transformarem, logo após, em borboletas que vencem alturas, surpreendendo-se, com o belo fenômeno, sem possibilidades de explicá-lo."**

(Retirado do livro O EVANGELHO DE CHICO XAVIER, por Carlos A. Baccelli, ed. DIDIER)